

1002

16/4/2002

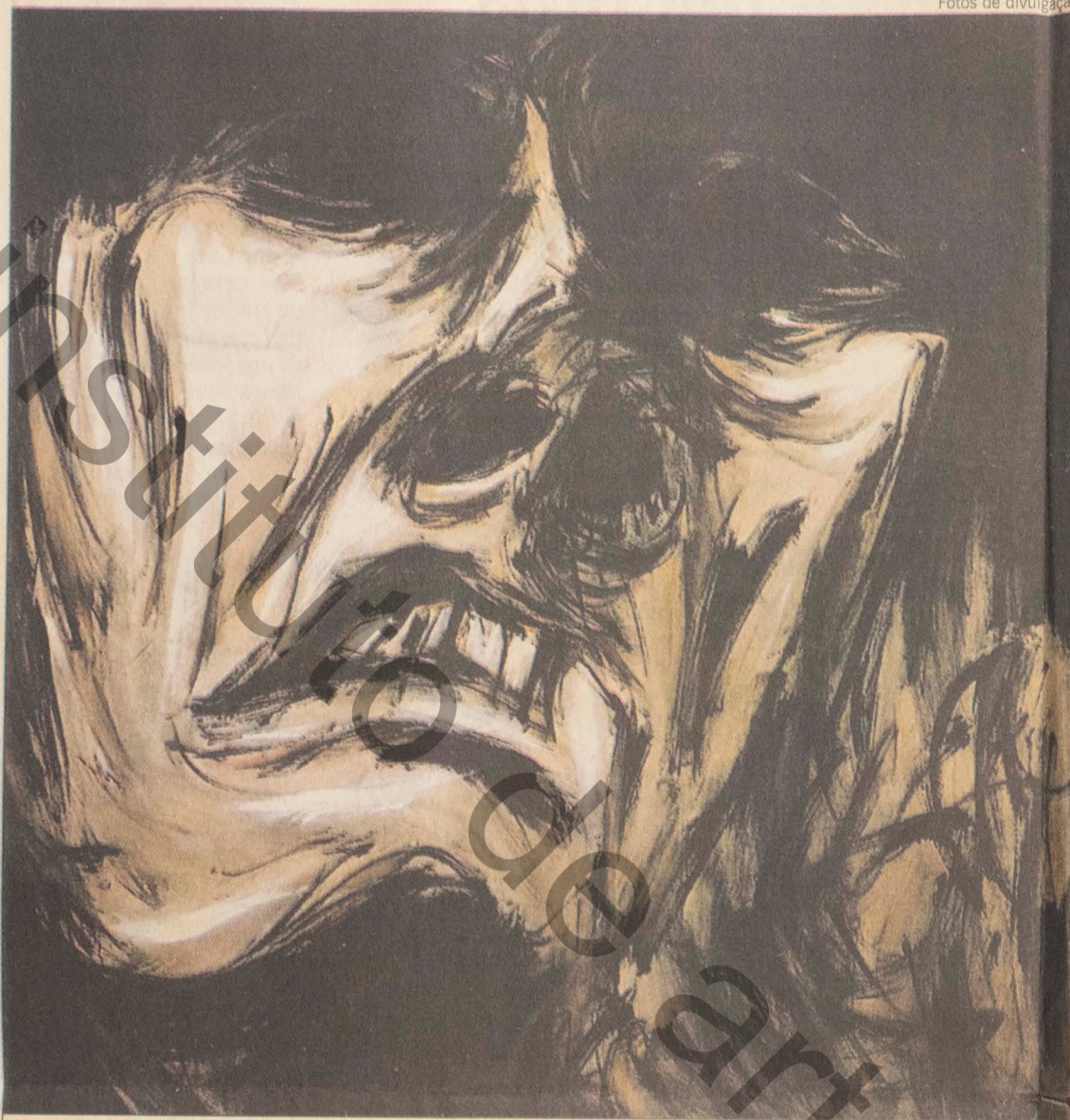
Discos: Mauro Senise reverencia a grande música e suas musas • 2

O GLOBO SEGUNDO CADERNO

Jabor: O cinema que esfrega na nossa cara o Brasil da periferia • 8

TERÇA-FEIRA, 16 DE ABRIL DE 2002

Fotos de divulgação



UMA DAS TELAS da "Fase negra" de Ivan Serpa: destaque da mostra "Violência e paixão"

Daniela Name

Mais de mil artistas do Brasil inteiro se inscreveram, sonhando ocupar um lugarzinho sob os holofotes. Vinte e nove deles conseguiram, mas, embora tenha sido organizada e divulgada como um salão, a 1ª Mostra Rio Arte Contemporânea vai muito além de uma apresentação de jovens talentos. A exposição que o Museu de Arte Moderna inaugura hoje, às 19h, é dividida em três: além da mostra competitiva, há duas salas especiais que se complementam e transformam o museu num painel da arte contemporânea como há muito tempo o Rio não via.

Em "Hélio Oiticica: obra e estratégia", o crítico Luciano Figueiredo mostra a coesão entre os vários momentos da carreira do artista; em "Violência e paixão", a curadora Lígia Canongia reúne obras de Ivan Serpa, Ivens Machado, Tunga, Miguel Rio Branco e Jorge Guinle, entre outros, para falar da influência romântica na arte nacional. E ainda há "Recorrências", em que o curador do museu, Fernando Cocchiarella, faz uma leitura bem-humorada, mas muito seletiva, da coleção Gilberto Chateaubriand, aproximando artistas de gerações diversas por temas afins.

— A Mostra Rio Arte não é um salão com duas salas especiais, e sim uma oferta de arte contemporânea que pode ser repensada a cada edição — diz Cocchiarella, que acredita que o modelo dos salões, embora muito criticado, ainda faz sentido num país como o Brasil. — Na Europa, os salões ficaram obsoletos quando a arte saiu dos palácios para se tornar uma coisa pública, através da ação de marchands e galerias. Aqui, este circuito praticamente não existe e os salões surgem como um indicio da precariedade do mercado, dando espaço para os jovens.

Para o curador, a mostra se transformou numa vitrine "à altura da cidade que a sedia", já que o Rio é um dos maiores celeiros da produção contemporânea. O que não significa que o júri formado pelos críticos Glória Ferreira, Luiz Camillo Osório, Moacir dos Anjos, Lisette Lagnado e Jailton Moreira tenha restringido os escolhidos aos cariocas. A seleção — da qual saem cinco ganhadores que serão anunciados esta noite, com um prêmio de R\$ 10 mil cada — é democrática quanto à procedência do artista e ao tipo de suporte que usa. E mistura jovens em início de carreira com gente mais experiente, caso de Rodrigo Cardoso, Marcos Veloso, Helmut Batista e da dupla Maurício Dias e Walter Riedweg.

Uma das marcas das obras é o fato de estarem no limite entre duas ou mais técnicas. Caso de "Cubo", de André Amaral, que fica entre a pintura e a escultura ao desenhar em perspectiva um cubo formado por telas vermelhas. Já o chileno Amílcar Packer tem três trabalhos na fronteira entre fotografia, a performance e o vídeo. E a paulista Lenora de Barros mostra uma instalação que classifica como um "ping poem": 88 bolinhas de pingue-pongue dispostas em bandejas de acrílico suspensas no ar jogam com as expressões "Deve haver" e "Nada a

ver", ouvidas pelo público em CD players. Nas salas paralelas, o espectador pode passar a limpo os 50 anos que antecedem a mostra seletiva. Luciano Figueiredo cria uma pequena enciclopédia visual sobre Hélio Oiticica ao apresentar um pouco de tudo o que foi fundamental na obra do artista (parangolés, bólides, penetráveis e parte da série de "Relevos espaciais"). Há trabalhos inéditos do Grupo Frente — alguns lembram a paleta de Aluísio Carvão, integrante do movimento — e da série de "Metaesquemas", além do penetrável "Filtro", que volta ao MAM 30 anos depois de sua primeira e única montagem, na mostra "Exposição", de 1972. O labirinto formado por cortinas de plástico coloridas atesta a decolagem de Oiticica rumo à pesquisa sensorial. Além de passar pelas cores, o público amplia os sentidos ouvindo rádio, vendo TV e tomando sucos.

Uma gangorra entre a geometria e a emoção

• A sala em homenagem a Oiticica é um contraponto interessante para "Violência e paixão". Peça fundamental do neoconcretismo, ele depois vai se distanciar dos modelos geométricos que alicerçavam o movimento para se aproximar de experiências em que a percepção subjetiva se sobrepunha ao rigor formal. Exatamente como fazem os artistas selecionados por Lígia Canongia na outra mostra.

— É inegável que o concretismo e o neoconcretismo significaram o amadurecimento da arte brasileira e seu cartão de visitas no mundo, mas com o tempo seus fundamentos ficaram datados, restritos àquele período — diz Lígia. — Há uma tradição romântica na arte nacional, com trabalhos que se descolam do rigor clássico do construtivismo e se aproximam da expressão, das formas orgânicas da natureza e de um certo sentimento fantasmagórico. Os artistas que fazem parte desta corrente atualizam modernistas como Flávio de Carvalho, Goeldi, Segall e Anita Malfatti. Ivan Serpa é uma peça fundamental da sala, porque vai viver uma dualidade: faz parte do movimento neoconcreto e ao mesmo tempo produz a "Série negra", altamente expressionista.

Diretor do RioArte, Fábio Ferreira se diz recompensado pelo cerca de R\$ 1 milhão que a instituição e a Secretaria municipal de Culturas investiram na mostra, que faz parte de um projeto de integração e aprofundamento da linha de artes visuais do RioArte. Ontem, a instituição inaugurou as individuais de Fernanda Junqueira e Célia Euvardo no Espaço Cultural Sérgio Porto e amanhã apóia a abertura de três mostras contemporâneas no Castelinho do Flamengo. Além disso, criou uma direção de artes visuais para o Armazém 5, a cargo de Luiz Camillo Osório.

— A idéia é criar um circuito integrado e cada vez mais ativo — diz Ferreira. ■

► NO GLOBO ON LINE:

Mais obras da mostra Rio Arte Contemporânea
www.oglobo.com.br

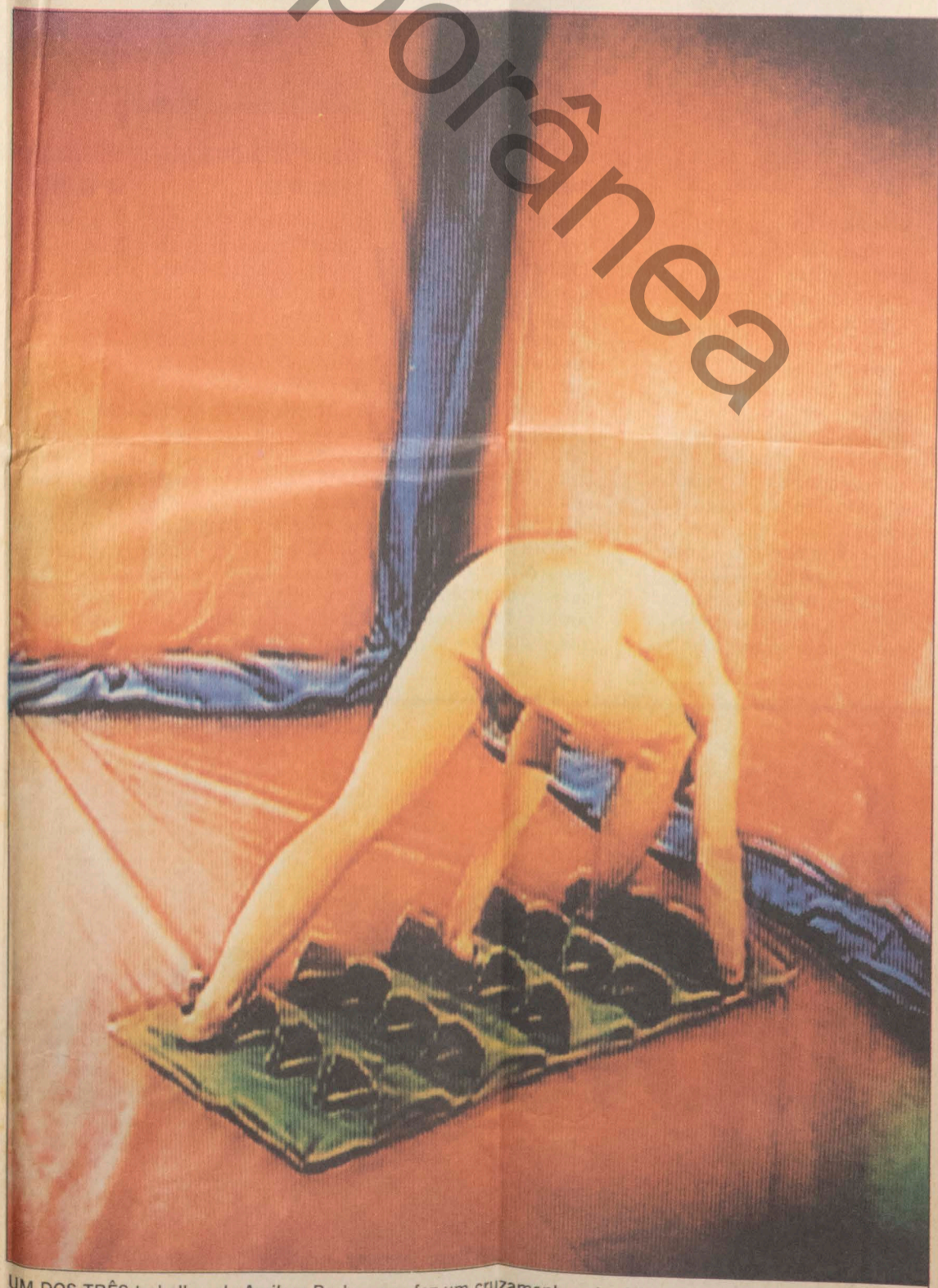
Muito mais do que um novo salão

Mostra Rio Arte cria um painel da produção contemporânea no MAM



"CUBO", DE ANDRÉ

Amaral, obra na fronteira entre a pintura e a escultura: limite entre os suportes é uma marca



UM DOS TRÊS trabalhos de Amílcar Packer, que faz um cruzamento entre fotografia, performance e vídeo